

Desinformação pandêmica: debate sobre o uso da cloroquina/hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19

Misael Dutra*¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a desinformação em relação ao uso da cloroquina/hidroxicloroquina para o combate da COVID-19. Primeiramente, discutem-se questões sobre como são classificadas as falsas notícias e sobre o modo como ocorre a sua disseminação através dos meios sociais. Aborda-se, então, o funcionamento de mecanismos de disseminação de informação, como bolhas epistêmicas e câmaras de eco, para entender como esses mecanismos agem a favor da desinformação da sociedade. Por fim, analisam-se alguns estudos que relacionaram o uso de remédios contra a COVID-19 a posicionamentos políticos a favor do atual governo, com o intuito de mostrar a politização da pandemia do SARS-COV-2.

Palavras-chave: desinformação; COVID-19; câmaras de eco; bolhas epistêmicas.

Abstract

This article intends to analyse the disinformation regarding the use of chloroquine/hydroxychloroquine against the COVID-19. Primarily, it discusses questions about how the fake news are classified and how their dissemination occurs through social media. Then, it examines the mechanisms of information dissemination, like epistemic bubbles and echo chambers, intending to understand how these mechanisms favor the disinformation of the society. Finally, it analyses some studies that relate the use of medicines against the COVID-19 to political positions in favor of the current government, in order to show the politicization of the SARS-COV-2 pandemic.

Keywords: desinformation; COVID-19; echo chambers; epistemic bubbles

¹ Universidade Federal do ABC — misaeldutradoc@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em seu ensaio *Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra*, Bloch (1921) constata que notícias desinformativas fazem parte da sociedade desde tempos antigos. Ao explicitar algumas lendas que foram contadas por soldados entinchados que lutaram na Primeira Guerra Mundial, Bloch expõe o modo como as falsas notícias fizeram e fazem parte do cotidiano da população e como elas ocasionam situações de desinformação. Atualmente, com o avanço da internet, essa prática tornou-se cada vez mais comum. Segundo Castells (1999), a estruturação do modo de produção capitalista moderno fez com que informação e conhecimento se tornassem essenciais para o sistema produtivo, o que ocorre é que a informatização da sociedade, junto dos processos de globalização e das atividades em rede, constituem o que se pode caracterizar como Era da Informação, que é caracterizada por sua organização global dinâmica, que liga processos e pessoas ao redor do mundo. Por conta dessa hiperconectividade, como afirma Botei (2017), a desinformação, mesmo não sendo um problema novo, cresceu vertiginosamente devido à revolução informática pela qual passa a sociedade moderna. Sendo submetida a grandes ondas de informação diariamente, a população, não conseguindo ter tempo suficiente para processar e assimilar cada notícia, não consegue dispor do exercício crítico necessário para a análise de cada informação, o que ocasiona que muitas delas, que são, na realidade, falsas, sejam lidas como verdade. Nesse sentido, tendo a pandemia da COVID-19 se tornado altamente politizada, na qual as crenças e descrenças sobre as informações sobre o vírus foram relacionadas com as preferências políticas de cada indivíduo, possuindo a mídia e as lideranças políticas grande importância na formação da opinião dos indivíduos quanto a gravidade do problema da COVID-19 (Calvillo *et al*, 2020; Uscinski *et al*, 2020), é claro que ela seria alvo de desinformação.

1. DESINFORMAÇÃO, BOLHAS EPISTÊMICAS E CÂMARAS DE ECO (ECHO CHAMBERS)

Antes de abordar os casos de desinformação envolvendo a COVID-19, é necessário entender o que significa desinformação. Além disso, outros dois termos importantes para se entender como ocorre a manipulação das pessoas por parte dos propagadores de notícias falsas são o efeito de bolhas epistêmicas e as câmaras de eco. Dessa forma, este tópico será focado em desenvolver o significado desses três termos.

Muitas vezes o termo desinformação é aplicado de forma incorreta. Segundo Salaverría *et al* (2020) a desinformação ocorre quando há a propagação de informações que são deliberadamente falsas com o intuito de gerar uma desordem na sociedade, seja por motivos econômicos ou ideológicos. Os autores utilizam o termo “bulo” em espanhol, que poderia ser traduzido como embuste em português ou hoax em seu original em inglês, para designar várias estratégias de manipulação de grupos através de informações que não são verdadeiras. Esse tipo de desinformação pode ser de diversos tipos, desde piadas ou paródias até controvérsias ideológicas e fraudes econômicas. Elas possuem em comum a intencionalidade de quem as cria. O que é diferente de uma informação falsa, na qual a pessoa que a compartilha crê que ela foi realmente baseada na realidade. O maior problema da desinformação é que as notícias falsas manipulam o indivíduo a tal ponto que, como afirma Del Vicario *et al* (2016), uma vez aceitas como verdade, se cria uma certeza tão grande em relação ao seu conteúdo que as tentativas de corrigi-las se tornam extremamente difíceis. Isso se dá principalmente por conta de que os usuários, ao terem contato com uma notícia desinformativa e a aceitarem como verdade, passam a selecionar e compartilhar apenas conteúdos que estão diretamente relacionados com uma narrativa em específico e apenas ignoram o resto das informações. Esse tipo de atitude é reforçada pelos efeitos que as bolhas epistêmicas causam nas redes sociais.

Com o avanço das redes sociais em todo o mundo, uma das questões que ganhou importância nos últimos anos é a personalização da internet. Diversas redes sociais e serviços passaram a se interessar em tentar prever os gostos de seus usuários para tentar criar um ambiente virtual que agradasse ainda mais o indivíduo, uma espécie de espaço personalizado. No entanto, os algoritmos responsáveis por essa personalização possuem um problema intrínseco: ao preverem o que o usuário prefere acessar, eles criam um filtro nas redes de cada indivíduo, no qual a maior parte das informações recebidas são reflexos das ideias que os indivíduos já possuem, apenas as reforçando. Como afirma Pariser (2012), esses mecanismos invisíveis privilegiam a troca de informação entre usuários que possuem as mesmas perspectivas ideológicas, criando as chamadas bolhas de informação ou bolhas epistêmicas, um universo de informações, exclusivo a cada pessoa, que reforça suas visões de mundo já preestabelecidas.

Segundo Jasny, Waggle e Fisher (2015), câmaras de eco “são descritas como formações nas redes sociais que transformam as vias nas quais a informação é transmitida e interpretada pelos atores” (p. 782). Nickerson (1998) explica a formação da câmara de eco como um processo no qual uma informação primária sofre um eco, ou seja, é repetida por algum meio externo do indivíduo. Essa repetição é vista como uma reiteração das crenças desse indivíduo. Percebe-se, com isso, que a câmara de eco funciona com dezenas de vieses de confirmação que induzem o sujeito a dar cada vez mais credibilidade para sua informação, pois ela está sendo replicada por diversos usuários diferentes na rede. A partir desse momento, a grande repetição de uma hipótese incorreta, ou seja, um reforço positivo, faz com que ela seja vista estando mais próxima da verdade, já que várias fontes diferentes a estão citando, o que inibe o ato de se procurar por outras alternativas. O problema é que muitas vezes essa informação possui uma única fonte em comum, sendo assim, esses outros veículos em que se percebe a mesma a informação estão somente replicando a mesma notícia, diversas vezes.

Dessa forma, pode-se perceber que tanto a câmara de eco quanto as bolhas epistêmicas criam um simulacro da realidade, utilizando-se de ilusões para que o indivíduo tire conclusões errôneas do real e pense que a informação que possui está correta por ser compartilhada por grande parte das postagens que vê em suas redes (Ferreira *et al*, 2017).

2. CASO CLOROQUINA/HIDROXICLOROQUINA

Como já exposto nos tópicos acima, a pandemia da COVID-19 se tornou um assunto extremamente politizado. Por conta disso, diversas foram as notícias falsas criadas para gerar desinformação no cenário do combate à epidemia. Em particular, uma das questões que mais foram debatidas nos meios jornalísticos, tanto tradicionais quanto alternativos, foi o uso ou não dos medicamentos cloroquina/hidroxicloroquina como forma de tratamento precoce da COVID-19. Antes de se abordar a questão desses medicamentos em si, é importante ressaltar que a ampla defesa de uso feita pelo presidente da república, mesmo sem nenhuma comprovação científica, foi um dos fatores que incentivou a divulgação de desinformações nas redes sobre seu uso, segundo estudo da agência de checagem Aos Fatos (Libório; Fávero, 2020 *apud* Lima *et al*, 2020).

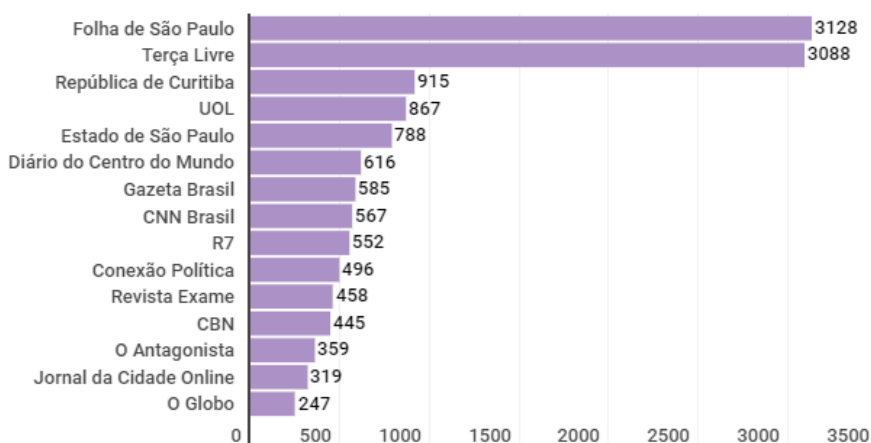
Segundo pesquisa realizada, tomando como base dados do aplicativo *Eu fiscalizo*, desenvolvido pela FIOCRUZ (Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, ENSP), utilizando informações de 17 de março a 13 de maio de 2020, revelou que 10,1% das notícias falsas que circulam nas redes realizam defesa da cloroquina/hidroxicloroquina como forma de cura da COVID-19, que 71,4% das mensagens informam como sendo a própria FIOCRUZ a fonte das informações e que 73,7% de todas as informações desinformativas são compartilhadas via Whatsapp (Galhardi; Minayo, 2020), o que demonstra a preferência desses manipuladores de utilizar esses serviços para a troca de informações. Como afirma Santana, “A fadiga com situação de imprevisibilidade, ou seja, o desgaste provocado pela falta de tratamento efetivo e a oscilação com as medidas de

enfrentamento no cenário são fatores que também contribuem para a desinformação e proliferação de informações imprecisas ou falsas.” (Santana *et al*, 2021, p. 521).

Para se entender como se dá a produção e reprodução de notícias desinformadoras envolvendo o uso da cloroquina/hidroxicloroquina, este estudo retoma a pesquisa de Lima *et al* (2020). No determinado estudo, realizado através da inspeção de 227.607 menções das palavras “cloroquina” ou “hidroxicloroquina” publicadas no Twitter, datados entre 13 de março e 13 de abril de 2020, é apontado quais são as fontes mais referenciadas em notícias sobre o uso dos medicamentos. O gráfico abaixo mostra o resultado.

Gráfico 1 - Ranking das 15 fontes de informação mais referenciadas na amostra (consolidando informações de canais no YouTube e Periscope)

Fontes mais referenciadas



Fonte: Lima *et al*, 2020. (DES)INFORMAÇÃO EM CÂMARAS DE ECO DO TWITTER: disputas sobre a cloroquina na pandemia da Covid-19

Percebe-se no gráfico que, mesmo sendo o jornal tradicional *Folha de S. Paulo* o mais referenciado, grande parte das referências usadas como fonte de informações é o site de extrema-direita *Terça Livre*. Este site ficou conhecido por conta da conotação de suas manchetes em notícias como “#PL399NÃO:

MACONHA PODE SER LIBERADA HOJE NO BRASIL”², notícia que abordava sobre o PL399 que legislava sobre o plantio de cannabis para uso medicinal e científico, mas que na manchete é dado como liberação da planta para uso recreativo, e “Agência Aos Fatos persegue jornalismo de verdade”³, notícia na qual o meio de informação acusa a agência de checagem *Aos Fatos* de perseguir os supostos verdadeiros jornalistas que estariam contestando a vitória do atual presidente dos EUA, Joe Biden, com supostas provas de fraude, quando na verdade a agência estava apenas desmentindo as desinformações que esses veículos estavam propagando sobre as eleições americanas.

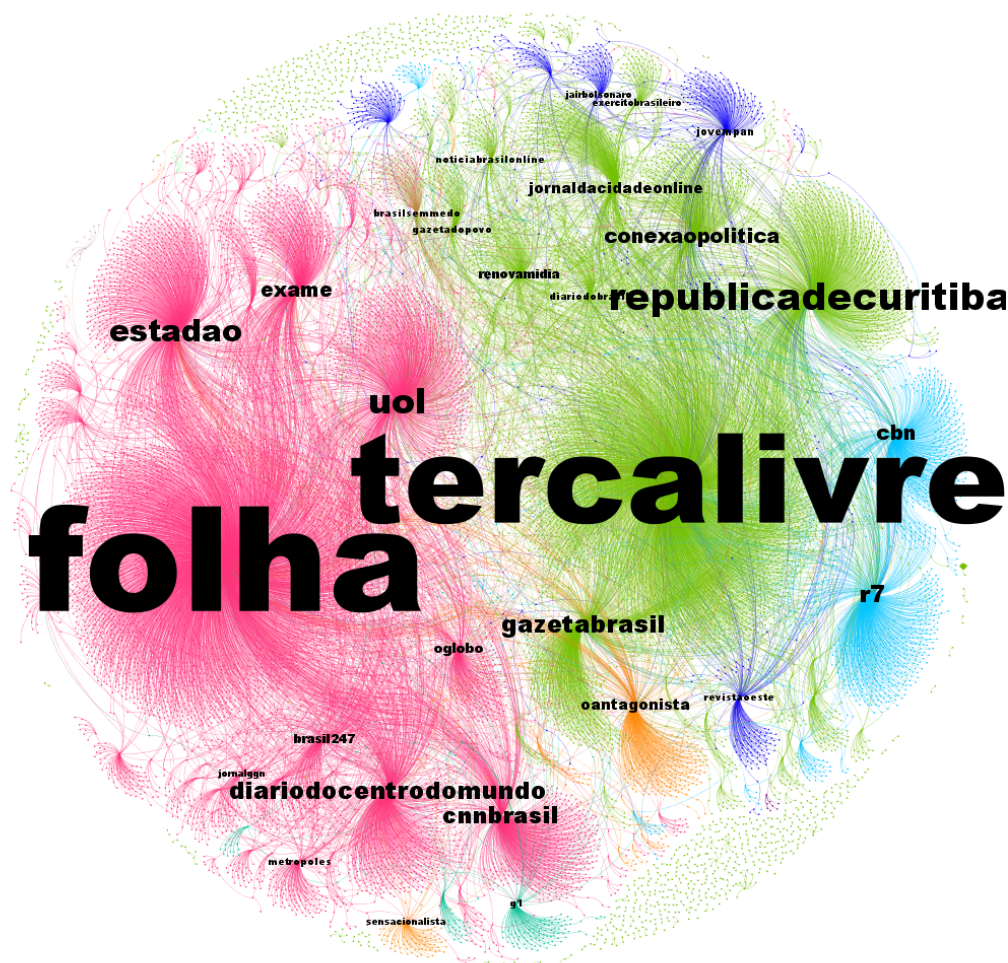
Outro recurso utilizado por Lima *et al* (2020) foi a montagem de um grafo no qual é apontado a forma com que as informações sobre o uso da cloroquina/hidroxicloroquina circularam pela rede de internet, apontando para a criação de câmaras de eco na transmissão das informações.

² Disponível em: <https://tercalivre.com.br/pl399nao-maconha-pode-ser-liberada-hoje-no-brasil/> Acesso em: 02/08/21

³ Disponível em: <https://tercalivre.com.br/agencia-aos-fatos-persegue-na-internet-jornalistas-que-analisam-eleicoes-dos-eua/> Acesso em: 02/08/21

Rev. Íandé - Ciências e Humanidades, S. B. do Campo, v. 5, n. 2 - 10.36942/iande.v5i2.579

Figura 1 Gráfico em torno das fontes de informação com indegree correspondente ao tamanho dos rótulos de nós



Fonte: Lima *et al*, 2020. (DES)INFORMAÇÃO EM CÂMARAS DE ECO DO TWITTER: disputas sobre a cloroquina na pandemia da Covid-19

Como mencionado anteriormente, percebe-se claramente a criação de duas câmaras de eco na divulgação do uso da cloroquina como tratamento precoce da COVID-19. Enquanto no *cluster* vermelho os veículos de informação procuraram

“a partir da voz de especialistas da área de saúde e do avanço dos estudos divulgados, mostrar o potencial de risco da cloroquina/hidroxiclороquina, os efeitos colaterais e outros fatores que interferem na segurança do tratamento. Tentam persuadir o leitor à

ponderação, partindo das descobertas da ciência e não da opinião de médicos/cientistas isolados” (Lima et al, 2020, p. 16).

Os veículos do grupo verde utilizaram estratégias de medo e falácias para tentar convencer seu interlocutor, as quais serão discutidas no próximo tópico. Além disso, outra coisa que vale notar é que apenas um veículo de informação tradicional, a *Gazeta do Povo*, pode ser visto neste lado verde do grafo, percebendo-se uma preferência da rede governista de procurar vozes do jornalismo alternativo (Lima et al, 2020), vozes essas que muitas vezes não se preocupam em fiscalizar se as informações que estão disponibilizando para seu público são corretas ou não.

3. ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS UTILIZADAS PARA A DEFESA DA CLOROQUINA

Nesta última parte, o objetivo é apresentar algumas notícias falsas que falem sobre o uso da cloroquina/hidroxicloroquina obtidas em sites de agências de checagem e apontar quais estratégias linguísticas estão sendo utilizadas para convencer que uma notícia falsa é verdadeira. Notícias como “Saiu a comprovação científica da ivermectina e FDA aprova uso da hidroxicloroquina”⁴, “Mortes por Covid-19 aumentaram na Suíça depois que país suspendeu uso da hidroxicloroquina”⁵ e “Estudo internacional mais recente mostra que países que usam hidroxicloroquina têm taxa de mortalidade 79% menor”⁶ possuem em comum o uso de falácias argumentativas para convencer o leitor de que são verdadeiras. As três notícias apelam ao medo da morte de seu interlocutor e apresentam um remédio que promete curar a pessoa doente. Além disso, percebe-se a utilização do argumento de autoridade para se dar credibilidade à

⁴ Disponível em:
<https://www.boatos.org/saude/saiu-comprovacao-cientifica-ivermectina-fda-aprova-uso-hidroxicloroquina.html> Acesso em 03/08/21

⁵ Disponível em:
<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/04/30/verificamos-mortes-covid-19-suica-hidroxicloroquina/> Acesso em 03/08/21

⁶ Disponível em:
<https://www.boatos.org/saude/estudo-internacional-recente-paises-usam-hidroxicloroquina-taxa-mortalidade-79-menor.html> Acesso em 03/08/21

matéria pela utilização de palavras como “estudo internacional mais recente” e a citação ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, FDA.

Outro ponto é que, como notado por Lima *et al* (2020), grupos que espalham notícias falsas também procuram respaldar seus argumentos em trabalhos científicos, mas o problema é que esses indivíduos utilizam estudos em estado preliminar e opiniões isoladas de alguns profissionais para argumentar um suposto consenso sobre a utilização de medicamentos para o tratamento precoce da COVID-19. Nesse sentido, longe de negarem a ciência e seus pressupostos, os negacionistas buscam se utilizar do método científico para obterem dados que levam a conclusões diferentes do consenso da comunidade científica. O que ocorre muitas vezes é que esses dados são coletados de forma enviesada. Nickerson (1998) explica que o viés de confirmação pode ser entendido como sendo a dificuldade que indivíduos possuem em reconhecer a autenticidade de dados que contrariam uma certa visão da realidade que eles possuíam anteriormente a realização de determinado experimento. Dessa forma, percebe-se que o que ocorre não é uma negação da forma de se fazer ciência, mas sim uma inversão da própria abordagem dos pesquisadores. Enquanto o método científico dita que o pesquisador deve partir dos dados para buscar conclusões, os negacionistas partem de conclusões para, a partir delas, escolherem dados que as justifiquem, fenômeno denominado como supressão de evidências, ou, em seu original, “cherry picking”. Essa é a questão que mais dificulta o debate entre cientistas do chamado consenso científico e cientistas desalinhados com o sistema, pois, por mais que se mostre evidências de que aquilo que estes últimos acreditam esteja errado, eles se mostram refratários a aceitar esses novos dados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo realizar uma análise de notícias desinformativas no contexto da pandemia de COVID-19 em relação ao uso da cloroquina / hidroxiclороquina para o combate da doença. Realizou-se,

primariamente, uma discussão em relação ao modo como as falsas notícias se espalham nos meios de informação, principalmente dentro das redes sociais. Para isso, abordou-se a questão do funcionamento de bolhas epistêmicas e de câmaras de eco para explicitar mecanismos de disseminação de informação que contribuem para que ocorra a difusão de informações falsas. Além disso, foram analisados alguns estudos que mostram uma clara relação entre o uso de remédios contra a COVID-19 e posições a favor do governo em questão, o que escancara a politização do combate à pandemia, visto que diversas agências de regulação de saúde, como o FDA e a própria OMS, já haviam descartado o uso de tais medicamentos por não serem cientificamente comprovados.

Diante do exposto, percebe-se a importância social das agências de checagem de informação para a diminuição da propagação de desinformações. Segundo Sarlet e Molinaro (2014), o direito à informação é uma espécie de garantidor da democracia e dos outros direitos individuais, sendo assim, ele se comporta como sendo um dos pilares fundamentais para que o indivíduo possa, em um Estado democrático de direito, exercer sua cidadania de forma proativa e participar efetivamente dentro da sociedade civil. Como afirmam Ferreira, Lima *et al* (2021), o caos social que desinformações causam ocasiona a abertura de portas ao oportunismo para grupos interessados no medo e insegurança da população, fazendo com que esses grupos consigam manipular as ações de parte da sociedade, gerando uma massa obediente às suas ordens.

É importante, portanto, que a população seja educada sobre o uso da desinformação nas redes sociais para que ela não seja manipulada por grupos que têm por interesse somente os seus ganhos individuais e não o bem-estar social de toda a sociedade. No entanto, a educação por si só talvez não consiga evitar que a desinformação continue operando dentro das redes sociais. É necessário que tanto as empresas privadas, donas das redes sociais, como o próprio Estado estabeleçam políticas de regulação nos mecanismos de disseminação de informações, sem retirar dos indivíduos a liberdade constitucional ao direito de

livre expressão, para que ocorra uma diminuição na disseminação de notícias falsas e uma diminuição na atividade de grupos que buscam se utilizar dessa desinformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Marc. Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra. In: **História e historiadores**. Textos reunidos por Étienne Bloch. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.
- BOTEI, M. Misinformation with fake News. **Bulletin of the Transilvania University of Braşov**, v. 10, n. 2, p. 133-140, nov. 2017
- CALVILLO, D. P.; ROSS, b. J.; GARCIA, r. J. B.; SMELTER, t. J.; RUTCHICK, a. M. Political ideology predicts perceptions of the threat of COVID-19 (and susceptibility to fake news about it). **Social Psychological and Personality Science**, v.11, 2020.
- CASTELLS, M. **Fim do milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DEL VICÁRIO, M. et al. The spreading of misinformation online. **PNAS**, v. 113, n. 3, p. 554-559, 19 jan. 2016.
- FERREIRA, Alexandre Valério et al. Filtro bolha, câmara de eco e a formação de opiniões extremas. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.
- FERREIRA, João Rodrigo Santos, LIMA, Paulo Ricardo Silva et al. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19. Porto Alegre: **Em questão**, 2021. 30-58 p. v. 27, n. 1.
- GALHARDI, Claudia; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Estudo identifica principais fake news relacionadas à Covid-19. **Informe Ensp**. Rio de Janeiro, 21 maio 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionad-as-covid-19>
- JASYN, Lorien; WAGGLE, Joseph; FISHER, Dana R. An empirical examination of echo chambers in US climate policy networks. **Nature Climate Change Advance Online Publication**, EUA. Maio, 2015. Disponível em: www.nature.com/natureclimatechange Acesso em 09 jun. 2017.
- LIMA, Cecília Almeida Rodrigues et al. (Des)informação em câmaras de eco do twitter: disputas sobre a cloroquina na pandemia da Covid-19. **Revista observatório**, 2020.
- NICKERSON, Raymond S. Confirmation bias: A ubiquitous phenomenon in many guises. In: **Review of General Psychology**. V. 2, jun. 1998. p. 175-220. Disponível em: <http://psy2.ucsd.edu/~mckenzie/nickersonConfirmationBias.pdf>

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível**. O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SALAVERRÍA, Ramón; BUSLÓN, Nataly; LÓPEZ-PAN, Fernando; LEÓN, Bienvenido; LÓPEZ-GOÑI, Ignacio; ERVITI, María-Carmen. Desinformación en tiempos de pandemia: tipología de los bulos sobre la Covid-19. **El profesional de la información**, v. 29, n. 3, 2020, e290315. <https://doi.org/10.3145/epi.2020.may.15>

SANTANA, Gislane Pereira; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Desinformação e “fakenews” no contexto da pandemia no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 515–532, 2021. DOI: 10.26512/rici.v14.n2.2021.36692.

USCINSKI, Joseph E.; ENDERS, Adam E.; KLOFSTAD, Casey A.; SEELIG, Michelle I.; FUNCHION, John, R.; EVERETT, Caleb; WUCHTY, Stephan; PRAMARATNE, Kamal; MURTHI, Manohar, N. Why do people believe COVID-19 conspiracy theories? The Harvard Kennedy School (HKS) **Misinformation Review**, Volume 1, Special Issue on COVID-19 and Misinformation, 2020.